

# MEIOS DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E REPERTÓRIO

GIOVANNA MENDONÇA COZZETTI<sup>1</sup>

LUCAS NIBBERING ALVES DA SILVA<sup>2</sup>

**Resumo:** Os meios de comunicação estão inseridos em uma lógica de dominação e luta por hegemonia, ao mesmo tempo em que também podem contribuir à formação de repertório e emancipação conjugadas com uma educação libertadora e crítica. Nesse sentido, ressaltaremos a potência de conteúdos midiáticos tanto no sentido do reforço e da manutenção do *status quo*, quanto no da emancipação pela incitação crítica, combinada com estratégias educativas. Para tanto, nos valem de casos exemplificativos obtidos por meio de pesquisa de dados secundários (como reportagens e estatísticas), bem como de análise teórica, nos valendo de autores que tratam acerca da Linguagem e principalmente de matriz marxista, bem como dos meios de comunicação, e também da Educação, para analisarmos a relação entre comunicação, educação, e a construção de repertório. Analisaremos as contradições intrínsecas, demonstrando as intersecções das iniciativas de comunicação materializadas em produtos culturais com os interesses hegemônicos e com as iniciativas educativas.

**Palavras-chave:** Meios de comunicação; Comunicação; Educação; Cultura; Indústria cultural.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a relação entre os meios de comunicação, a educação e a formação de repertório, tratando da importância destes três elementos para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade. Abordaremos como os meios de comunicação estão submetidos aos poderes hegemônicos e qual sua influência no processo educacional, assim como no exercício cultural e intelectual, ao mesmo tempo em que defendemos sua capacidade auxiliadora a este mesmo processo. Trazemos à discussão produtos audiovisuais que exemplificam como a utilização dos meios de comunicação pode impactar o processo educacional e a constituição dos sujeitos como seres críticos, atentando à carga de estereótipos e preconceitos por eles reforçados ou desmistificados.

---

1 Mestranda do PPGCOM da ECA/USP e bacharel em Relações Públicas pela mesma instituição. E-mail: gicozzetti@usp.br.

2 Mestrando do PPGCOM da ECA/USP e bacharel em Relações Públicas pela mesma instituição. E-mail: lucasnibbering@usp.br.

## 2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTOS DE CONSERVAÇÃO DA HEGEMONIA

Em “Réquiem Para Um Sonho”, filme de Darren Aronofsky, a personagem Sara Goldfarb mergulha na ilusão de um dia aparecer em seu programa de tv<sup>3</sup> favorito após receber uma ligação de telefone e uma carta da emissora para coletar seus dados. Contudo, o que ela não sabia é que esse dia nunca chegaria. Entre o telefonema e seu final desastroso, internada numa clínica psiquiátrica e tomada pela alucinação de ter feito uma aparição muito bem recebida na televisão, Sara percorre um caminho dramático: toma anfetaminas prescritas por seu médico na luta para emagrecer e se adequar aos padrões dominantes de beleza, a fim de parecer mais “bonita” na tela. A ingestão de tais substâncias em excesso leva Sara ao vício e à drástica consequência que marca o final de seu sonho.

Partindo do princípio de que “os mundos ficcionais são parasitas do mundo real” (ECO, 1994, p. 89), e que a elaboração de estórias é ancorada no conceito de verossimilhança (CAMPOS, 2007), é possível pensar na cena descrita aplicada a uma situação da vida real. Estamos tratando, neste ponto, da maneira como muitas vezes tentamos atender àquilo que a sociedade ultrageneralizadora (HELLER, 2004) espera de nós no que diz respeito aos estereotipados padrões de beleza, e que leva muitas pessoas a desenvolver uma série de problemas como distúrbios alimentares e depressão pela baixa autoestima.

Na ótica do determinismo tecnológico conceituado por Raymond Williams (2016), poderíamos culpar o próprio meio de comunicação por todas as suas possíveis consequências negativas, por tornar estereótipos em preconceitos e até mesmo mudar comportamentos sociais dramaticamente: como se a invenção da televisão fosse a responsável por todas as mazelas que acometem a sociedade em que vivemos.

Entretanto, é relevante lembrar que nenhum discurso é neutro, e que as ações são baseadas em interesses e contingências contextuais. Todos os signos possuem uma carga ideológica que reflete e refrata uma realidade exterior (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2002) e, logo, todas as

---

3 Neste caso, utilizamos “tv” para designar o aparelho e “televisão” o sistema de produção, distribuição e transmissão, considerando os valores, significados e experiências que dele a partir dele se estruturam e circulam. Assim, o termo assume uma dupla identidade, tanto aquela referente à base, enquanto meio de produção, quanto à superestrutura, enquanto esse sistema de formulação de sentidos e práticas culturais. Essas duas dimensões do termo se sobrepõem, uma vez que guardam uma relação de interdependência. Alinhamo-nos à problemática explorada por Williams (2011) a respeito dos conceitos de base e superestrutura, que é também utilizada neste artigo, e a Lima (2007, p. 455; grifo do autor), ao conceituar o vocábulo “televisão”: “Ao longo do tempo, a palavra *televisão*, além de nomear o aparelho receptor, passou a designar também as transmissoras de imagens e sons e os diferentes aspectos da produção dos programas (programação) e de sua distribuição (transmissão). Hoje, as emissoras de televisão se transformaram em poderosas instituições sociais das sociedades contemporâneas.”

coisas com as quais entramos em contato servem a uma convenção social que foi construída através da história por algum grupo social. Tanto o emissor da mensagem, quanto o receptor, irão interpretá-la de acordo com sua própria competência enciclopédica (MAINGUENEAU, 2002) e atribuir-lhe diferentes significados, já que

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica. (...) O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2002, p. 32)

Portanto, a utilização dos meios de comunicação e a produção do conteúdo veiculado por eles podem servir a determinados interesses, os quais, em muitas das vezes, têm como sua maior interessada a classe social dominante, que busca conservar seu *status* hegemônico. Não obstante, e em linha, não se deve desconsiderar a função dos meios de comunicação de massa, assinalada por Lazarsfeld e Merton (1978, p. 112), de reforço das normas sociais – o que contribui para a manutenção do *status quo*. A maneira como os meios servirão à mensagem será sempre fundamentada em intenções (WILLIAMS, 2016), nunca na ingenuidade. A articulação desses interesses se dá pela linguagem. Conforme Motter (1994a, p. 70), “como criação de um grupo de indivíduos, a linguagem tem um caráter eminentemente social. É a língua que veicula a ideologia do grupo que a utiliza e é nela que se cristalizam as aspirações desse grupo.” Isto porque as práticas e produções culturais estão inscritas nas relações entre base (ou infraestrutura) e superestrutura.

Em suma, Althusser (1970, p. 25-26) designa a base como a “unidade das forças produtivas e das relações de produção” e a superestrutura como as instâncias jurídico-políticas e ideológicas. Já Williams (2011), argumenta que se deve apreendê-las não como categorias independentes, tampouco pelo viés de uma predominância da base sobre a superestrutura. Elas devem ser pensadas em uma relação complexa, onde não apenas os meios e as condições de produção determinam as práticas culturais, mas onde, as segundas, por sua vez, adquirem autonomia e passam, ao mesmo tempo, a exercer pressão sobre a base.

Embora o autor considere que a hegemonia – enquanto um sistema de valores e significados – coloca em evidência um “sentido de realidade” (WILLIAMS, 2011, p. 53) dominante, o qual incide diretamente sobre produções e práticas culturais, isto não elimina aquilo que se opõe à cultura dominante. Há, contudo, um processo de incorporação e uma “tradição seletiva” (p. 54) que filtram aquilo que circula culturalmente, muitas vezes operados pelas instituições

educacionais, mas que, mais uma vez, ocorrem em contradição com aquilo que escapa à dominação cultural. A literatura, as artes plásticas e o cinema, por exemplo, são consideradas, então, práticas sociais tal como o trabalho. Elas dependem de meios e condições de produção, bem como do próprio acesso a eles; por vezes, podem refletir a ideologia dominante ou propor leituras alternativas. Nesse processo, reproduzem ou reconfiguram o meio social, em relações complexas de realização. Um filme que pauta temáticas alternativas à hegemonia, pode receber financiamento ou apoio de grandes corporações (que detêm os meios de produção), o que, não obstante, é muitas vezes fundamental à sua viabilização.

Ou seja, a língua não apenas é mobilizada e reflete a ideologia dominante, mas é também perturbada pelas irrupções das culturas residuais, “experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante” (WILLIAMS, 2011, p. 56), e das culturas emergentes, que correspondem aos “novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências” que “estão sendo continuamente criados” (p. 57). Deste modo, a língua se transforma e, conseqüentemente, a linguagem também, como processo de sua mobilização. Resta evidente que a relação entre base e superestrutura é marcada por contradições, além de, por vezes, complementação.

Sendo assim, ao tratarmos da relação entre os meios de comunicação e as intenções que moldam as mensagens, voltamo-nos a uma questão que deve ser duplamente considerada no plano das lutas de classes. Primeiro, levando em consideração o domínio dos interesses hegemônicos sobre os meios de comunicação e as produções veiculadas por eles. O segundo ponto é o fato de que a quebra dessa estrutura de sustentação social só pode acontecer a partir de uma cultura de educação que torne os indivíduos mais reflexivos e críticos, verdadeiros questionadores daquilo que veem, capazes de analisar e interpretar o que se põe à sua frente e, assim, mobilizarem-se sociopoliticamente a fim de inverter a lógica hegemônica e adquirir autonomia e maior liberdade. Portanto, não podemos desconsiderar a potência das produções que minimamente se opõem à hegemonia, mesmo quando dependentes das condições de dominação impostas pela base – tal como expressam alguns exemplos levantados adiante.

Como nos ensina Motter (1994b, p. 67-68), a apropriação da linguagem se dá pela organização do sistema linguístico, nas experiências vividas no meio social; “ela é um instrumento de pensar o mundo; o conhecimento depende dela e também a vida em sociedade.” Daí, o papel crucial do desenvolvimento de uma consciência linguística pela interação verbal, com a materialização de pensamentos e a construção de ideias cujas intencionalidades sejam propiciar o exercício da crítica, e isso deve ir além do que expressamos ao nosso próprio auditório individual. Somente por meio da injunção entre aquilo que nos ocorre exteriormente e aquilo que

produzimos em nossa enunciação interior, ou seja, por uma relação intersubjetiva, é que poderemos formar uma consciência individual fundamentada em um repertório melhor qualificado (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2002).

Quando os indivíduos de uma sociedade são privados de seu pleno desenvolvimento intelectual, porque a alfabetização é tornada um processo meramente mecânico e que não permite de fato a expansão de seu repertório, quando não é abstraída de seu alcance, a lógica hegemônica é favorecida. Além disso, não se deve desconsiderar que, apesar de não ser necessariamente determinante, a questão de classe exerce influência no desenvolvimento intelectual e criativo dos seres humanos, já que implica diferentes modos de acesso à linguagem e a produção dela.

### 3. MEIOS DE COMUNICAÇÃO, SIMULACROS E CONTRADIÇÕES

Nem a televisão, tampouco a internet, o rádio, os jornais, ou qualquer outro meio de comunicação, são em si próprios a causa dos acontecimentos sociais, conforme defende Williams (2016). O autor pontua que eles são, portanto, os efeitos, a partir do momento em que são desenvolvidos por determinadas necessidades sociais. Ademais, os meios de comunicação também são capazes de construir efeitos de real (BARTHES, 1972), isto é, simulacros sustentados por suas imagens visuais exógenas. Obviamente, eles se tornam causa de efeitos de sentido e de real por meio dos discursos que constroem e circulam, na medida em que são internalizados por aqueles aos quais se destinam.

Pontuado o caráter dos meios de funcionarem como meros instrumentos operacionais, tendo sua funcionalidade destinada para usos específicos, podemos observar que eles também são passíveis de uma prática socialmente contributiva. Ainda que não se exclua de sua formulação os estereótipos, inclusive porque, segundo Lippmann (1980), eles facilitam a compreensão e leitura do mundo e nem sempre são negativos, as telenovelas são um exemplo de como o conteúdo veiculado na televisão pode ser positivo para a formação identitária de uma nação. No caso deste tipo de produção, observemos seu impacto no Brasil.

Conforme afirma Mungioli (2014, p. 129), as telenovelas passaram a retratar a vida cotidiana da população brasileira ao final dos anos 1960, embora, conforme supracitado, tais produções não estejam isentas da estereotipia. Elas adquiriram uma função social (MUNGIOLI, 2014) que é importante para o debate de assuntos pertinentes a cada época. Como exemplo, trazemos à tona a novela do horário nobre da Rede Globo, “A Força do Querer” (2017), que abordou a questão da identidade de gênero, com enfoque na situação das pessoas transgênero. Nesta produção, a/o personagem Ivana/Ivan enfrenta a transição de gênero, e faz dialogar a

trama com o contexto social circundante, uma vez que o Brasil é o país, dentre os que contam com dados disponíveis, onde o índice de assassinato de pessoas transgênero é um dos mais altos no mundo. Segundo o Grupo Gay da Bahia (2020), que monitora esses casos, em 2019, foram 329 mortes de pessoas LGBT, sendo 118 delas pessoas trans, consideradas as mais vulneráveis a mortes violentas nas categorias sexológicas.

É importante ressaltarmos que, mesmo exercendo sua função social e funcionando como um espaço simbólico de construção de uma identidade nacional, tais objetivos, segundo Mungoli (2014, p. 133):

(...) devem ser analisados e matizados dentro de um quadro e de um modo de produção característicos da indústria cultural. Indústria que, como enfatiza Morin (2005)<sup>4</sup>, está sujeita às injunções típicas das produções dessa esfera econômica que prevê de um lado produtividade por parte de seus trabalhadores e alta lucratividade como resultado final e, de outro, criatividade constante para que esses objetivos se concretizem.

Levando em consideração que nossa atividade cotidiana é permeada por juízos provisórios (HELLER, 2004) e que, portanto, somos passíveis de confirmá-los ou não, devemos evitar a classificação dos meios de comunicação sob uma ótica maniqueísta. Só podemos compreender a extensão de seu uso se olharmos para além da superficialidade da tela e do papel, e investigarmos quais são as intenções reais do que nos é apresentado por esses meios, levando em consideração o interdiscurso<sup>5</sup> (MAINGUENEAU, 2002), assim como o que pode ser positivamente extraído do conteúdo disponível.

Para uma completa interpretação dos significados e ideologias que um produto audiovisual – como é o caso da telenovela, por exemplo – carrega, e não apenas o consumo sem criticidade [como opera a ideologia da indústria cultural, segundo Adorno (2002)], é preciso repertório e conhecimento de mundo. Estes permitem o exercício das competências de um leitor de segundo nível (ou semiótico) que, segundo Motter (2005, p. 205):

não somente quer saber como aquilo que acontece foi narrado, como graças a essa preocupação que o mantém atento a cada instrução do autor estará em condições de perceber as solicitações que lhe são dirigidas para preencher, com seu conhecimento, os espaços do texto apenas pontuados com sugestões de sentido.

---

4 No original, a referência é: MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose*. Rio de Janeiro e São Paulo: Forense, 2005.

5 A noção de interdiscurso, para Maingueneau, concerne a multiplicidade de discursos que, em seu âmago, precedem e dialogam o discurso em si, por meio de uma rede de relações e possíveis significados que tangenciam tanto a linguagem, quanto o percurso histórico, além do próprio sujeito.

A capacidade explicitada acima pode ser adquirida pelo exercício da leitura (MOTTER, 2005), além de se relacionar grandemente com as experiências abrigadas na memória do indivíduo, e com sua capacidade de construção de relações e associações. Só podemos adquirir a autonomia necessária para isso pela construção de repertório, bem como por meio de uma educação crítica que estimule a busca pelo conhecimento. Desta forma, ela incitaria questionamentos à lógica social hegemônica e estabeleceria uma ordem democrática mais igualitária. Deve-se atentar, no entanto, para o fato de que, como vimos com Williams (2011), as instituições educacionais são meios de reprodução e incorporação dos valores hegemônicos e, neste sentido, uma educação crítica seria aquela que, apesar disso, estimula posicionamentos questionadores da superestrutura dominante e da normatividade vigente.

Sendo assim, é preocupante a subestimação do poder da educação que, por mais que esteja longe de ser um exercício dotado de neutralidade, provê as pessoas de mecanismos viabilizadores da interação com os demais e, acima de tudo, possibilita entender mais sobre o mundo que os cerca – incluindo a interpretação de signos, ideologias e seus propósitos. Neste sentido, uma das principais ferramentas para esse fim, inerente à vida social e constituída na cultura é a língua que, ao mesmo tempo, figura como produto e condição da vida social (IANNI, 2000). Conforme constatam Baccega e Citelli (1987), a língua em que pensamos nos é fornecida e apreendida por meio de um processo social, que é a educação. Ainda, de acordo com os autores, nossa visão de mundo é condicionada por nossa realidade histórica, de acordo suas nuances, como nação e classe.

É possível perceber, então, a existência de diversos fatores de influência – entre eles a competência linguística (MAINGUENEAU, 2002) e a realidade social – que afetam o pensamento do indivíduo e funcionam como “filtros”, que trazem como resultado interpretações por perspectivas individuais e únicas. Assim, as pessoas constroem narrativas específicas, que são formas de vivência (IANNI, 2000). De toda forma, a atividade individual costuma estar impregnada de interesses de classe (HELLER, 2004). Percebe-se que, muitas vezes, as intenções de estruturas exteriores ao domínio individual estão presentes nas ações e pensamentos dos seres sociais, de forma velada.

Isto estimula os pensamentos e até mesmo o comportamento do ser social – muitas vezes pela utilização dos meios de comunicação – à reprodução de preconceitos e opiniões enviesadas, sem que, muitas vezes, se dê conta. A capacidade adquirida por meio de um ensino crítico e favorável ao estímulo da reflexão funciona como mediadora entre o que é veiculado e a interpretação proveniente do conteúdo. Isso tira o telespectador (no caso da televisão, por exemplo) de uma inércia alienante e não o faz, necessariamente, negar tudo o que lhe é transmitido: lhe

permite selecionar o que realmente é relevante e identificar o que está condicionado por interesses e quais são eles.

Há grandes implicações sociais, na medida em que os cidadãos e as cidadãs constroem pensamentos a partir de seu próprio repertório, e não mais apenas reproduzem conceitos já prontos, como ocorre no plano do senso comum. A linguagem, que outrora fora utilizada majoritariamente para consolidar as formas de poder (BAKHTIN, 1981 *apud* BACCEGA; CITELLI, 1987, p. 25), não mais se restringe a esse fim e amplia sua atuação na esfera cotidiana, possibilitando a seletividade e contestação da hegemonia e dominação dos meios.

Tendo em vista que a(s) linguagem(s) é(são) a substância da comunicação e, ao mesmo tempo, ela(s) é(são) formada(s) por signos, torna-se imprescindível a realização de uma alfabetização semiótica que permita aos sujeitos codificar, decodificar e recodificar criticamente as informações e mensagens com as quais entram em contato pelos meios de comunicação. Não só no contexto das mídias analógicas, mas também das digitais, já que não é mistério estarmos cada vez mais imersos nas tramas da digitalidade.

Nesse sentido, Jenkins (2009) destaca uma mudança de paradigma em relação ao consumo dos conteúdos midiáticos, a expressão cada vez mais acentuada de uma cultura participativa em contraposição a uma passividade dominante de outrora. De acordo com o autor, os/as consumidores/as dariam lugar à lógica do sujeito partícipe na cultura da convergência que, mais do que o desenvolvimento tecnológico, representa a mudança no processamento dos conteúdos, e “também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias” (JENKINS, 2009, p. 45). Quando fomentarmos o desenvolvimento de competências que envolvam o uso das diferentes linguagens pelas quais os meios de comunicação operam, então alçaremos sujeitos à posição de cidadãos e cidadãs, não apenas usuários e usuárias (MACHADO; RAMOS, 2019).

#### 4. A EDUCAÇÃO E A CULTURA LIBERTAM

A reivindicação por uma educação libertadora, em contrapartida, não é simples. Sendo assim, se faz necessário o ensino por professores/as qualificados/as, ambiente escolar apropriado, material de estudo atualizado e, especialmente, acesso total ao direito de educação por parte dos/das cidadãos/as. A realidade, entretanto, revela um cenário diferente. Especialmente no Brasil, o sistema escolar carece de inúmeros recursos e perdura, até mesmo, a violência contra professores/as, que advém na seara da desvalorização da profissão docente. Acerca do assunto, uma matéria veiculada na Folha de São Paulo (PINHO; MARIANI, 2017) revela que, a cada dia, em média dois/duas professores/as são agredidos no local de trabalho – violência que pode



ir desde um empurrão até crime de lesão corporal. Verificamos também que, em artigo da Agência Brasil (SOUZA, 2019), uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva junto ao Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) demonstrou que o percentual de professores/as que já sofreram algum tipo de violência nas escolas foi de 54%, sendo que, em 2014, por exemplo, a taxa estava em 44%.

O *bullying* também é uma realidade impeditiva ao pleno desenvolvimento das pessoas nos percursos educacionais. No Brasil, conforme apontou estudo realizado em 2015 pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), com apoio do MEC, 69,7% dos/as estudantes declararam ter presenciado alguma situação de violência dentro da escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018). A Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 apontou que 7,4% dos/as alunos/as se sentiram humilhados por provocações na maior parte do tempo ou o tempo todo nos 30 dias anteriores à pesquisa. Entre os/as alunos/as de escolas públicas, esse índice foi de 7,6% e, para escolas privadas, 6,5% (IBGE, 2016). Ainda, a pesquisa revelou que 19,8% dos/as alunos/as havia esculachado, zombado, mangado, intimidado ou caçoado de algum colega nos 30 dias anteriores: 21,2% de escolas particulares e 19,5% de escolas públicas (IBGE, 2016).

Além da violência física, há uma série de violências simbólicas que podem se perpetuar no sistema educacional ao se valerem de estereótipos, por exemplo, que o engessam e conferem normatividade a tal situação, fragilizando as relações sociais que se dão no bojo do sistema educacional. Aqui, devemos levar em consideração também que “o trabalho de verossimilhança tem por foco o imaginário do espectador” (CAMPOS, 2007, p. 28), ou seja, as produções culturais estão sempre ancoradas na realidade social. Assim, apesar das potencialidades que podem contribuir à educação e provisão de repertório, as produções também são capazes de reproduzir, naturalizar e reforçar preconceitos.

Mas a reprodução de preconceitos, como o racismo, não se resume, por exemplo, apenas às produções audiovisuais ou aos conteúdos didáticos: estão nos monumentos ao redor da cidade, com os quais nos deparamos cotidianamente, e também na forma como os “organismos” dotados de inteligência artificial se apropriam dessa “verossimilhança” e, alimentados por ela, reforçam desigualdades sociais e opressões. No primeiro caso, podemos citar, por exemplo, a estátua do bandeirante Borba Gato, em São Paulo, ou a experimentação de tecnologias de reconhecimento facial (como no carnaval baiano ou no bairro carioca de Copacabana, ambas em 2019) que mostraram uma esmagadora propensão em apontar pessoas negras como culpadas, já que 90,5% das prisões resultantes do uso dessas máquinas incidiu sobre essa população (NUNES, 2019; 2021). Já na internet, um exemplo emblemático foi o robô Tay, da Microsoft, que, ao

responder mensagens postadas no Twitter, foi alimentado por discursos racistas, sexistas e xenófobos e passou a reproduzi-los (CANO, 2016).

Em contrapartida, é possível considerar os meios de comunicação, pelo seu expressivo poder de alcance, como aliados da educação formal na democratização e expansão do conhecimento de mundo. Pela utilização da linguagem que exerce poder sobre os indivíduos e tem potencial de libertá-los (MOTTER, 1994b), eles podem possibilitar a desmistificação da desigualdade social, que tem por característica a valorização de determinados gêneros de discurso e o desprezo àqueles que não os dominam (MAINGUENEAU, 2002).

Ainda que existam produções audiovisuais que servem ao reforço de estereótipos e preconceitos de caráter misógino, racista, etc., outras tantas permitem que os indivíduos ampliem seu repertório e conhecimento de mundo. Dentre estas, podemos citar programas como “Planeta Terra”, “Cosmos”, documentários sobre os mais diversos assuntos e até mesmo debates eleitorais, ou diversos canais no Youtube que discutem temas filosóficos aliados a uma análise da realidade social contemporânea, como no caso do conteúdo produzido pela *drag queen* Rita Von Hunty<sup>6</sup> – sempre atentando para a já citada submissão à indústria cultural. Logo, é possível concluir que os meios de comunicação também podem ser utilizados como suporte ao processo educacional, contrariamente ao pensamento comum de que eles são unicamente responsáveis por uma culturalidade e intelectualidade superficiais, submetidas aos interesses hegemônicos.

## 5. A IMPORTÂNCIA DO REPERTÓRIO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A construção de repertório não é um processo que depende apenas da escola ou da universidade, mas está intrinsecamente ligada com todas as experiências do sujeito desde o seu nascimento e, principalmente, a partir do capital cultural (BOURDIEU, 2007) adquirido nas relações sociais promovidas pela interação verbal (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2002). Logo, o desempenho do indivíduo na vida em sociedade, especialmente na esfera educacional, está relacionado ao repertório que ele pôde construir até o momento em que se encontra.

Além disso, não se deve desconsiderar o fato de que existem manifestações culturais mais respeitadas socialmente do que outras, vistas como populares e menos dignas. Como exemplo, é possível citar as exposições de arte que exigem um repertório específico para a interpretação adequada, os concertos eruditos e as peças teatrais como formas de expressão de maior prestígio e importância, destinadas a uma pequena parcela da população, supostamente

---

<sup>6</sup> O canal *Tempero Drag*, da *drag queen* Rita Von Hunty, pode ser acessado no Youtube pelo link: <https://www.youtube.com/channel/UCZdJE8KpuFm6NRafHTEIC-g>. Acesso em: 10 mar. 2021.

mais culta e economicamente privilegiada. Nesse sentido opera uma lógica de distinção (BOURDIEU, 2007), que tem o poder de reforçar e construir visões de mundo. Isso reforça a segregação entre os níveis sociais e a hierarquia da vida cotidiana, que, contudo, é passível de modificação e reestruturação pelas estruturas econômico-sociais (HELLER, 2004).

Sendo assim, faz-se necessário visibilizar outras expressões culturais, vistas como típicas de classes não dominantes, – como é o caso do samba e do funk, por exemplo – para que a dinâmica até então estabelecida na sociedade passe a ser mais democrática e admita os diferentes tipos de repertório como relevantes e viabilizadores de uma comunicação e troca de informação mais rica entre os sujeitos. A aquisição e construção de repertório, abarcando suas diversas interfaces culturais e sociais, é imprescindível para que o sujeito se posicione no mundo e desenvolva ainda mais o seu intelecto, uma vez que “o ser humano é intrinsecamente inteligente” e provido de “diversos tipos de inteligência”, ao passo que “(...) não existem homens totalmente desprovidos da capacidade de entendimento (...)” (COMPARATO, 2009, p. 40).

Finalmente, é possível dizer que há uma ligação profunda entre a educação, a formação de repertório e a influência dos meios de comunicação e das produções culturais no desenvolvimento humano. A harmonização destes elementos promoverá o questionamento da lógica social, suscitando emancipação e maior liberdade àqueles que estão às margens do poder hegemônico.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos meios de comunicação não podem ser atribuídas características absolutas e maniqueístas, inclusive considerando que, como os próprios sujeitos com os quais estão em interação, os meios não são estáveis e podem ter suas potencialidades exploradas tanto em favor do reforço das normas sociais e da manutenção da hegemonia, quanto em favor da emancipação e incitação da crítica. A intencionalidade deste artigo, contudo, não residiu na proposição de soluções concretas acerca de como executar mudanças educacionais que preconizem a criticidade, mas em chamar atenção para a importância emancipadora do conhecimento (FREIRE, 2003), reivindicando que nenhuma mudança no sistema educacional, ou na utilização dos meios de comunicação, será efetiva se não promovermos a aquisição de conhecimento como uma atividade interessante e enriquecedora.

Nesse sentido, os meios de comunicação podem ser, inclusive, contributivos e aliados, uma vez que detêm recursos para a formatação de imagens exógenas que são capazes de despertar interesse e fazer internalizar conteúdos de maneira fluida, e com alcance a um vasto contingente. Em diálogo, a educação, ao promover uma utilização mais enriquecedora dos meios

de comunicação, contribuindo para a quebra de estereótipos e preconceitos, bem como estimulando o protagonismo da criticidade na construção de opiniões, contribui para que se alcance um espaço social menos desigual. Ao mesmo tempo, não se deve olvidar da circundante submissão à lógica hegemônica, a qual só pode ser questionada por meio de uma educação de bases sólidas que fomente o desenvolvimento de um repertório rico em referências, capaz de permitir a interpretação do mundo para além da leitura primária.

Ao contrário da lógica mercadológica que defende que a aquisição de conhecimento é meramente direcionada para atingir altas posições profissionais, defendemos o desenvolvimento cultural e intelectual como um ato revolucionário (FREIRE, 2003) e provedor de criticidade e autonomia, que expande as visões de mundo e amplia o repertório dos sujeitos. Enfim, a educação liberta, porque é a alavanca das mudanças sociais (FREIRE, 2003).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *A indústria cultural. Indústria Cultural e sociedade*. Trad. Julia E. Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 7-80.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

BACCEGA, M. A.; CITELLI, A. Retórica da manipulação: os sem-terra nos jornais. *Comunicações e artes*, São Paulo, v. 14, n. 20, p. 23-29, 1989.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARTHES, R. O efeito de real. In: *Literatura e Semiologia: pesquisas semiológicas*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 35-44.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

CAMPOS, F. *Roteiro de cinema e televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CANO, R. J. O robô racista, sexista e xenófobo da Microsoft acaba silenciado. *El País*, São Francisco (EUA), 25 mar. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/24/tecnologia/145885274\\_096966.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/24/tecnologia/145885274_096966.html). Acesso em: 09 mar. 2021.

COMPARATO, D. *Da criação ao roteiro: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2009.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2003.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil - 2019*: Relatório do Grupo Gay da Bahia [online]. José Marcelo Domingos de Oliveira; Luiz Mott (Org.). Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/04/relatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt-2019-1.doc>. Acesso em: 23 jul. 2020.

HELLER, A. Sobre os preconceitos. In: *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 43-63.

IANNI, O. A palavra mágica. In: *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000. p. 207-232.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

JENKINS, H. Venere no altar da convergência: um novo paradigma para entender a transformação midiática. In: *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009. p. 27-53.

LAZARFELD, P.; MERTON, R. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: ADORNO, S. et al. *Teoria da Cultura de Massa*. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. 2ª ed. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 105-127.

LIMA, V. A. de. Televisão. In: WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 454-457.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEINBERG, Ch. (Org.). *Meios de Comunicação Massa*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1980.

MACHADO, I.; RAMOS, D. Alfabetização semiótica com os códigos informático-digitais da internet. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 38-53, jul./dez., 2019.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). MEC apoia enfrentamento ao bullying e violência nas escolas. *Ministério da Educação*, Brasília, 06 abr. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/62581-mec-apoia-enfrentamento-ao-bullying-e-violencia-nas-escolas>. Acesso em: 20 out. 2020.

MOTTER, M. L. Consciência linguística de Fabiano. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 32, p. 65-69, fev./mar./abr., 1994a. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/32/cat/1816/consci&ecircncia-lingu&iacutestica-de-fabiano.html>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MOTTER, M. L. A linguagem como traço distintivo do humano. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 34, p. 68-72, ago./set./out., 1994b. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/34/cat/1774/a-linguagem-como-tra&ccedilo-distintivo-do-humano.html>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MOTTER, M. L. Telenovela: do analfabetismo visual à alfabetização pela palavra. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 66, p. 198-298, jun./ago., 2005.

MUNGIOLI, M. C. P. O papel dos autores na constituição da teledramaturgia como sistema simbólico. In: CAMARGO, R. Z. *Brasil, múltiplas identidades*. São Paulo: Alameda, 2014. p. 125-139

NUNES, P. Maioria dos presos por reconhecimento facial são negros [online]. *The Intercept Brasil*, s.l., 21 nov. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/11/21/presos-monitoramento-facial-brasil-negros/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

NUNES, P. O algoritmo e o racismo nosso de cada dia. *Revista Piauí*, s.l., 02 jan. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-algoritmo-e-racismo-nosso-de-cada-dia/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

PINHO, A.; MARIANI, D. SP tem quase 2 professores agredidos ao dia; ataque vai de soco a cadeirada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 set. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/09/1919146-sp-tem-quase-2-professores-agredidos-ao-dia-ataque-vai-de-soco-a-cadeirada.shtml>. Acesso em: 20 out. 2020.

SOUZA, L. Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista. *Agência Brasil*, São Paulo, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contra-professores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista>. Acesso em: 20 out. 2020.

WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. In: *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 43-68.

WILLIAMS, R. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, MG: PUC-Minas, 2016.